

Investigação qualitativa no campo do conhecimento: o problema das distinções e classificações

 institucional.us.es/ambitos/

December 21, 2017

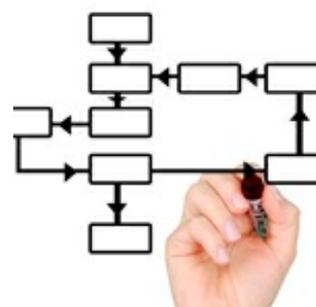
Serafim Leopoldo Ferreira Camalhão

ISCTE. Instituto Universitário de Lisboa

serafimleopoldo@hotmail.com

English Version: Qualitative research in the field of knowledge: the problem of distinctions and classifications.

O conhecimento é um lugar vasto, com múltiplos espaços, tempos, dimensões, formas, interações e relações, que pela sua complexidade se torna impossível compreender totalmente. O ser humano, para conhecer o seu mundo de uma forma racional e científica, começa por dividir e classificar o que o rodeia artificialmente atribuindo-lhe um nome a um objecto, ao qual estão atribuídas as características que o definem e o distinguem dos restantes. No campo da pesquisa qualitativa e quantitativa a divisão é artificial, nem sempre clara, gerando confusões. Este artigo centra-se no problema da classificação, definição e o que caracteriza a pesquisa qualitativa.



Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa, distinção, metodologia, teoria.

Abstract: The accelerated aging of the world population and especially in Brazil and its participation in the Brazilian society and their resignification in the media discourse are fundamental points in this work that analyzes the posture of the organizations for the formation of public opinion in relation to the theme. From the qualitative research method and having as an analytical reference the ADC – Critical Discourse Analysis the article has as corpus the campaigns carried out in Brazil by Banco Itaú and Burger King, developed from the practice of storytelling's, whose results indicate that, in addition to a new meaning attributed to the elderly public, the senses impinged on the campaigns also awaken emotions that reinforce the new posture of organizations and brands before a new and definitive social reality.

Keywords: Qualitative research, Quantitative research, Distinction, Methodology, Theory.

PROLOGO

ÁMBITOS

2018

nº39

Manifesto em defesa da reflexão e importância da teoria nas Ciências Sociais, é o ponto de partida deste artigo. Quer-se homenagear todos aqueles que contribuíram para o conhecimento através do estudo, desenvolvimento teórico e reflexão, levando ao desenvolvimento de ferramentas, que muitos aplicam no campo empírico na compreensão e descoberta do mundo.

É importante revelar que no passado, presente e futuro, existiram, existem e existirão situações em que as Ciências Sociais são um incómodo, o conhecimento da realidade considerado um perigo, mas também uma necessidade de informação que se procura controlar e dominar. Em Portugal esse período foi de 1926 com instauração do Estado novo a 25 de Abril de 1974, Pinto (2004) e Adérito Sousa Nunes (1998) onde um grupo de bravos docentes e investigadores do GIS – ICS com muita imaginação, publicando na Revista *Análise Social* conseguiam romper a censura. As limitações eram óbvias, podiam basear-se nas estatísticas oficiais e dificilmente poderiam fazer pesquisa empírica. Podiam apenas ler, reflectir, discutir o que se produzia no estrangeiro revelando uma especial profundidade em tudo o que produziam. Após este período (Almeida & Pinto, 1986) assistiu-se ao retorno da pesquisa empírica, esta não dispensa, no entanto, nem a teoria nem a reflexão sobre as suas práticas.

O problema colocado à ciência de todos os tempos coloca-se nos excessos ligados a dois pólos, a defesa da teoria com Popper (2016) e da empiria com a *Grounded Theory* de Glasser & Strauss (1967). Este artigo defende o outro prisma onde (Habermas, 2009; Kuhn, 1998; Lakatos, 1970) se assume a legitimidade das comunidades académicas intervirem socialmente através dos seus valores e conteúdos. Cada escola de pensamento intervém através do trabalho científico mediado pela reflexão sobre as suas práticas e o mundo. As ferramentas teórico/metodológicas precedem o trabalho de campo, o acompanham e o transcendem. A reflexão sobre aspectos teóricos e metodológicos são tão importantes quanto os aspectos empíricos.

É importante defender esta tradição voltada para a reflexão quer sobre a práticas quer sobre a produção científica, para validar, aprofundar e desenvolver ferramentas úteis para ambos teoria e empiria. A realidade profissional no mundo da investigação, é dura, o trabalho empírico, no campo implica a existência quer de recursos quer de projectos. O investigador nem sempre consegue financiamento para as suas propostas de investigação ou mesmo encontrar projectos onde se integre. Noutro caso estão todos os que estando a fazer um Mestrado, Doutoramento ou Pós-Doutoramento, após o seu término não têm acesso à pesquisa empírica. Fazer investigação social abarca outras formas além do trabalho de recolha empírica, inclui igualmente formas de recolha de informação para a análise crítica de teorias, metodologias, dados secundários, documentais e mesmo pequenas investigações empíricas com pequenos projectos que necessitem de poucos recursos, todos podem continuar ligados ao mundo académico, mesmo não sendo investigadores profissionais.

1. INTRODUÇÃO

No 6º Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa apresentou-se o artigo “A Nação Qualitativa no Continente do Conhecimento: A Busca da Essência da Investigação Qualitativa” (Camalhão, 2017), o grande objectivo proposto foi colocar a questão antiga da distinção entre o qualitativo e quantitativo, mas outro propósito maior se apresentou durante a apresentação. A necessidade de pensar a investigação nas Ciências Sociais para seres humanos, que tudo misturam e onde nada existe na forma pura, uma visão real do conhecimento e do Homem. O convite nas páginas que se seguem é para se interrogarem, questionarem, num público maior, partindo da literatura mas ir além desta, principalmente, cada um nas suas circunstâncias e por si mesmo.

O que é a investigação? O que faz um investigador? Quanto á primeira pergunta não há uma resposta clara, Campenhoud & Quivy (2011, p. 11) muito sucintamente indica traduzindo “um meio para compreender as significações (...) fazer inteligentemente o ponto de uma situação, conhecer aprofundadamente as lógicas de (...) reflectir (...) compreender e dar a conhecer os fundamentos de (...)”. A investigação é assim um meio para atingir um dado objectivo científico, poder-se-ia pegar nesta obra, mas facilmente se fosse para outras se descobriria que inclui teorias, metodologias, métodos e técnicas distintas conforme o objectivo a atingir.

O que faz um investigador? A pergunta é respondida através de metáforas, em que se encontram três imagens, o peregrino, o mineiro e o viajante. O primeiro é o investigador como peregrino de Merton & Berbier (2004) no qual este tem que lidar em cada momento com a serendipidade, é um lugar onde lhe reserva a surpresa e o inesperado. O segundo e terceiro aparecem em Kvale (2007) relacionados com a entrevista, adaptando esta visão a toda a investigação, o investigador é como um viajante que vai explorando e descrevendo o que pretende estudar, quando encontra o que procura torna-se mineiro aprofundando a um nível mais explicativo e detalhado. Em todas estas actividades é necessário organizar e categorizar, nomeadamente saber do que se está a falar, transformar uma coisa num objecto identificado. Para conhecer é preciso, dar sentido ao que se descobre e transformar conhecimento subjectivo em objectivo claro e identificável, fazer distinções mesmo que artificiais.

O problema colocado neste artigo tem origem nas observações e leituras do seu autor, que verificou que muitos dos discursos sobre metodologias quantitativas e qualitativas são confusas e imprecisas. Os elementos de uma investigação qualitativa aparecem misturados com a quantitativa, verifica-se que estudos classificados como qualitativos apresentam características predominantemente quantitativas, assim como estudos quantitativos com preocupações qualitativas. Num discurso pessoal, eu investigador, estudante e amante do conhecimento pergunto ao leitor: Pesquisa qualitativa e quantitativa do que é que estamos a falar?

A resposta à pergunta é que os dados são neutros, Glasser (2008) revela de uma forma desconcertante que a estatística multivariada pode ser uma ferramenta na descoberta de todas as hipóteses possíveis. A afirmação que questão do qualitativo, misto e quantitativo é uma questão ideológica e pessoal na forma de analisar os resultados, na qual cada um tem de fazer opções no momento de conceber um qualquer projecto de investigação.

A questão colocada não é nova, é recorrente na literatura, em que, por exemplo Martyn Hammersley (2013) coloca: O que é a pesquisa qualitativa? Este autor procura uma definição sem encontrar uma resposta clara. Apresentam-se quatro caminhos: o primeiro caminho está em procurar nas definições as características exclusivas de uma abordagem qualitativa, cedo se descobre que a qualificação é parte do processo de produção científica em geral; o segundo caminho vai à origem epistemológica da palavra qualitativo; o terceiro caminho consiste em procurar traços mais frequentes nos trabalhos de investigação qualitativa mas facilmente se descobre uma realidade heterogénea; e por último o contraste entre a pesquisa qualitativa e quantitativa apresenta vantagens, no entanto, não é raro ambas as abordagens encontrarem-se. A conclusão é que a principal característica da pesquisa qualitativa é a sua abertura a várias soluções e combinações nas Ciências Sociais permitindo vários estilos de pensar e fazer ciência.

O que torna a pesquisa qualitativa mais atraente, adaptável a qualquer contexto, investigador, comunidade e objecto de estudo, mas tal flexibilidade e qualidades são a sua grande vulnerabilidade está na grande variabilidade das formas e expressões que a torna difícil identificar. Umberto Eco (1991) lembra que uma característica da cientificidade indica que a “A pesquisa debruça-se sobre um objecto reconhecível e definido de tal modo que seja igualmente reconhecível pelos outros” no exemplo dado pelo autor se quisermos procurar a figura mitológica e improvável de um centauro ter-se-á que o caracterizar para o poder encontrar. A solução do problema está em aproveitar todas as contribuições de como caracterizar uma pesquisa qualitativa, criando critérios para que todos a possam identificar.

2. PROPOSTA: CRIAR UM TIPO IDEAL PARA IDENTIFICAR A PESQUISA QUALITATIVA

Para um problema há sempre uma resposta, no caso a resposta encontra-se na obra de Vignaux, “O Demónio da Classificação: Pensar/Organizar” o ser humano, como foi indicado anteriormente, e agora fundamentado conhece e relaciona-se com mundo classificando aquilo que observa, dando-lhe um nome organizando os mesmos dentro de uma lógica onde inclui exclui onde podem estar incluídos. Os objectos não existem se não tiverem um rótulo, é uma característica humana sendo que as distinções além de serem artificiais, são construções humanas criadas por nós seres humanos para nos ajudar a lidar, conhecer e controlar o mundo.

A solução para a fazer a distinção entre pesquisa quantitativa e qualitativa, está na criação de um tipo ideal. Max Weber (1995) utiliza os tipos como um meio explicitar as relações irracionais importantes, constitui-se como uma construção que tem por base a racionalidade e finalidade. A grande dificuldade em construir uma tipologia que permita responder ao que é a pesquisa qualitativa está na (Denzin & Lincoln, 2011) grande variedade de técnicas, métodos, metodologias e filosofias em que se torna difícil estabelecer fronteiras. O desafio na criação desta tipologia, para o autor deste artigo está em utilizar as principais características atribuídas à pesquisa qualitativa e quantitativa, sendo que esta terá de ser simples, claro e que integre os aspectos fundamentais de modo a não excluir quaisquer metodologias qualitativas. O problema das tipologias é o mesmo

que se coloca às classificações (Lallement & Lima, 2009) os tipos ideais são apenas instrumentos de compreensão e comparação com a realidade, explicitando as relações sociais.

A criação de um modelo que evidencie a pesquisa qualitativa terá ter como qualidades ser abrangente, simples e claro que permita integrar as diversas variações ou especificidades de cada metodologia. Na literatura encontram três termos, pesquisa qualitativa, mista e quantitativa Creswell (2014) com base em Newman & Benz (1998) defende que a divisão é artificial e que todas as formas de pesquisa encontram-se num continuo tendendo para se tornarem mais quantitativas ou mais qualitativas. A pesquisa quantitativa e qualitativa não existe de uma forma completamente pura. Neste sentido, qualquer tipo ideal não é mais que uma construção conceptual e mesmo ideológica que existe independentemente da realidade, um raciocínio lógico que (Weber, 1995) é um instrumento útil para revelar as relações sociais que acontecem num contexto social em estudo.

A representação gráfica ligada à proposta desta tipologia está na figura 1 é composta por três pontos, à esquerda a pesquisa qualitativa, no meio mista e à direita quantitativa. Na realidade as investigações não existem na forma pura muitas vezes misturam aspetos quantitativos e qualitativos em proporções variadas. Morse & Maddox (2014), neste sentido, utilizam o termo em QUAN sendo que todos os elementos são integrados numa forma quantitativa e QUAL quando seguem uma lógica qualitativa, daí que a linha terá de ter cinco pontos, a que se juntam pesquisa organizada qualitativamente e pesquisa organizada quantitativamente.

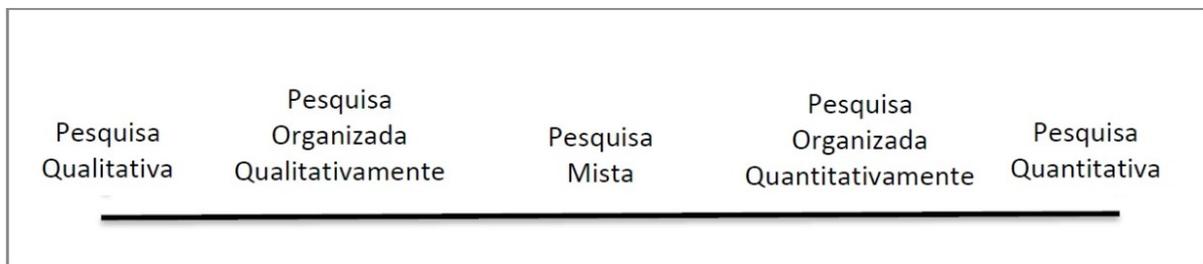


Fig. 1. Proposta de classificação das pesquisas tendo em conta o polo quantitativo e qualitativo com base em Creswell (2004) e Morse & Maddox (2014).

A simplicidade da figura foi inspirada na Escala de Likert (1932) composta por cinco pontos que mede a atitude dos participantes do mais favorável ao mais desfavorável. Aqui não se trata de dar um valor, mas sim posicionar uma pesquisa que se encontra entre uma abordagem qualitativa e quantitativa.

A linha representa os requisitos mínimos necessários para que qualquer pesquisa se possa colocar entre as Ciências Sociais e Humanas, lembrando que parafraseando Habermas (1990) o comportamento humano não é reconstituível num modelo de acção racional para afirmar que neste ideal tipo tem que não se pode importar os modelos das ciências nomotética sem ter em conta a sua especificidade. Parafraseando Bravo (1992) a ciência caracteriza-se por ser um conhecimento sistematizado sobre uma matéria cujos conteúdos consistem num conjunto de conhecimentos sobre a realidade em forma de enunciados, de teorias nos quais os conceitos não têm necessariamente de estar relacionados com os factos, mas sim concepções que permitem abarcar a realidade,

estuda fenómenos observáveis e utiliza metodologias, procedimentos na recolha e análise dos dados, o método científico. Estas características que são o ser sistemático, racional, abstracto, empírico e metódico são a base de qualquer ciência, sendo é possível reconstituir todo o processo lógico, racional e objectivo que levou aquela conclusão ou resultado de um estudo científico.

Na linha encontram-se os três pontos base imaginários: pesquisa qualitativa, mista e quantitativa. Os dois pontos extremos são estéreis, pobres e muito limitados e o meio não existe na realidade, a pesquisa posiciona-se um pouco mais à direita ou esquerda (Creswell, 2014).

As limitações de uma pesquisa quantitativa pura, revela problemas antigos, Mills (2000) em 1959 indicava que nas pesquisas quantitativas dominantes a utilização das grandes teorias apenas reproduzia os seus conteúdos ignorando a realidade e o investigador, o empiricíssimo abstracto segundo qual as estatísticas servem para explicar tudo e para vários fins conforme o ponto de vista, o ethos burocrático revela a tendência a rigidez em nome de uma maior racionalização e standardização inibindo investigador. As leituras que foram realizadas neste ponto, revelam que a vantagem de uma pesquisa quantitativa como em Kats (2003), está na predefinição de todos os aspectos da pesquisa antes do trabalho empírico, sendo que o investigador se reduz à aplicação dos instrumentos de observação, facilitando todo o trabalho quer de recolha e de análise dos dados, esta é facilmente apreendida, especialmente se o investigador é um estudante com pouca experiência.

A questão na pesquisa qualitativa coloca-se na variedade (Denzin & Lincoln, 2011) de formas de pensar e fazer investigação, (Corbin & Strauss, 2015) flexíveis, tendo o investigador como principal instrumento de observação orientada para a descoberta, permitindo alguma ambiguidade e subjectividade. Flick (2005) lembra que neste contexto de investigação quanto menos especifica a investigação maior é o risco do investigador tem que se perder colocando-se a questão da credibilidade e representatividade. Patton (2015), agregando várias contribuições, revela que esta vai de uma generalização naturalística a casos particulares e a credibilidade passa pela triangulação, a profundidade e a reflexividade. Isto indica que uma pesquisa pode não ter a profundidade ou que resultados não sejam significativos. Numa reflexão baseada em Corbin & Strauss (2015), transpondo o problema da saturação teórica, indica que um estudo qualitativo pode não ter elementos suficientes para que tenha significado ou mesmo atingir uma representatividade naturalística. Quanto mais aberta for a investigação mais exigente se torna para o investigador em termos teóricos, metodológicos e técnicos. A inexperiência do investigador pode comprometer a sistematicidade, a coerência e clareza do trabalho científico realizado. As vantagens numa pesquisa qualitativa são claras, (YIN, 2011) as possibilidades conhecer o mundo nas suas variadas formas, ver o mundo pelos olhos dos seus participantes, mas principalmente a flexibilidade ligada à adaptação do desenho de investigação ao campo concreto.

3. PERCORRER A CLASSIFICAÇÃO

A classificação está centrada na pesquisa qualitativa, tendo em conta a pergunta base deste artigo. Há o contraste entre o qualitativo e o quantitativo entre os dois pontos da escala. A classificação apresentada é baseada em quatro critérios comparativos entre pesquisa qualitativa e quantitativa: texto versus número, flexibilidade versus standardização, contexto versus abstracção e dar voz versus neutralidade axiológica.

3.1. Texto versus número

O primeiro confronto que se coloca neste campo é o texto ou palavra associado à qualificação confrontado com o número na quantificação. Na generalidade dos autores nomeadamente Dey (1999) e Miles, Huberman & Saldaña (2014) no qual é evidente ambos os aspectos se encontram em todas as pesquisas. Utilizando ainda estes autores a pesquisa qualitativa tem por base o texto ou palavras alicerçadas nos conceitos ou significados o número existe numa forma rudimentar a denominada contagem. A utilização de números é aceite desde que não abafem as palavras, mas a expressão principal é o texto, numa concepção pura de pesquisa qualitativa a toda a análise e sua apresentação de dados deve ser feita na forma de texto.

O problema que se coloca numa perspectiva qualitativa está numa situação onde verifica-se que quantos mais dados se tiver mais difícil se torna analisar e condensar resultados (Miles, Huberman & Saldaña, 2014). Quando se chega a uma quantidade de elementos muito elevada a tratar a utilização de números pode ser vantajosa. Colocando o problema a nível de uma pesquisa qualitativa pura (Maxwell, 2013), a questão da amostragem, caracteriza-se pelo estudo de casos particulares, pequenos grupos, comunidades e instituições, tudo ou de pequena dimensão ou ligado a um tema ou problema difícil de estudar. A amostra é propositiva ou intencional, mas quando a dimensão aumenta torna-se útil utilizar procedimentos de uma amostragem referentes a populações, nomeadamente a aleatória.

Que critérios então se poderão utilizar em relação ao número? A questão do número aponta para a pesquisa quantitativa, a resposta é antiga e apela ao bom senso, Blalock (1979), no que existe de mais simples em estatística, as proporções, percentagens e rácios, só fazem sentido se forem mais de cinquenta, em caso contrario basta apresentar os números sem outro tratamento, outro critério surge na estatística não-paramétrica, dedica-se a aplicar medidas a amostras de pequenas dimensões. Siegel (1979) em 1956 já afirmava que os testes para uma amostra é considerada grande com N igual ou superior a 25, mas a dimensão varia conforme o teste ou fim que se procura. Estes dois elementos servem apenas como uma referência ligada ao termo contagem e regra geral em extremo um estudo pode ser puramente qualitativo se tiver menos de 50 participantes, sendo que é ridículo fazer cálculos realizar cálculos elaborados nesta situação. Quando é necessário ultrapassar este limite, conscientemente ou inconscientemente, há uma aproximação a metodologias quantitativas devido à quantidade de informação, classifica-se de pesquisa organizada qualitativamente.

Na pesquisa mista este problema não se coloca já que os dois elementos estão presentes. No caso da pesquisa quantitativa trata-se de uma questão de medida está em testar e verificar teorias o que se revela pela utilização de testes estatísticos que representam populações em amostragens probabilísticas tudo pode ser transformado em números e

testado. Quando se passa para a lógica de uma pesquisa organizada quantitativamente ultrapassa (D'Ancona, 1998) a mera verificação de hipóteses, para se inserir numa perspectiva de pluralismo metodológico, integrando elementos de metodologias qualitativas. Interpretando um pouco do que dizem as leituras, tal significa que o texto ganha maior importância em relação aos números, sendo que se vão acrescentando elementos novos quer à teoria quer às hipóteses originais.

3.2 Flexibilidade versus Estandarização

A flexibilidade e a estandarização fazem parte de qualquer pesquisa social quer de uma forma teórica quer metodológica (Flick, 2005; Silverman, 2013), artificialmente no gráfico poder-se-ia colocar, os mesmos dois pontos da linha. Numa perspectiva pura uma metodologia qualitativa, (Denzin & Lincoln, 2011) a flexibilidade está ligada à noção que o investigador é o principal instrumento de observação com um papel de construção, adaptação das práticas de investigação no terreno, assim como na interpretação dos dados. Silverman (2013) acrescenta que a pesquisa qualitativa tem um interesse na subjectividade e autenticidade da experiência humana. O processo de investigação é circular onde, Flick (2005) onde quaisquer elementos são passíveis de ser revistos e reformulados, numa lógica segundo Hammersley (2013) é indutiva, abductiva ou orientada para dados. A estandarização (Flick, 2005), ligada a uma concepção onde todos os elementos da investigação são prédefinidos, necessitando o investigador aplicar o métodos e técnicas no terreno para um teste de hipóteses, num esquema rígido. Numa versão clássica das Ciências Sociais, há a preocupação com a neutralidade axiológica (Weber, 1979) onde o investigador tem o papel de mero observador sem interferir no meio ou ter qualquer influência quer no processo de investigação.

Bravo (1992) indica como requisitos para o domínio da técnica do desenho de investigação: o conhecimento profundo da investigação, ser realista, imaginação e flexibilidade. A própria noção de desenho de investigação implica qualquer que seja a forma quantitativa e qualitativa tem presente a estandarização e flexibilidade. A pesquisa qualitativa tem sempre uma estrutura base teórica ou metodológica que estrutura o processo de investigação (Flick, 2005; Silverman, 2013). A variedade de formas de pesquisa qualitativa é tal que na verdade a estruturação da pesquisa maior ou menor Denzin & Lincoln (2011) indica mesmo que existem correntes qualitativas com base numa filosofia positivista, o que as coloca nas pesquisas organizadas qualitativamente.

No campo das pesquisas organizadas quantitativamente, facilmente se encontram exemplos como no caso das entrevistas Ghiglione & Matalon (1992) indicam como o factor humano é importante na sua aplicação como técnica que envolve um contexto de trocas em factores que não podem ser predefinidos, mas apenas geridos numa situação concreta.

3.3 Contexto versus Abstracção

Todas as pesquisas implicam em algum grau contextualização e abstracção, Bravo (1992) por exemplo indica elementos comuns à maioria das pesquisas sociais a existência de uma delimitação espacial e temporal colocando-se a questão do universo e amostra, assim como da metodologia e técnicas que se vão aplicar, está implícito a presença de um

problema social assim como a questão das relações sociais associadas ao trabalho de campo. A questão da abstracção na pesquisa qualitativa encontra-se (Strauss & Corbin, 1990) a construção de uma teoria substantiva, representativa a um fenómeno de um dado espaço social ou organização, e na *Grounded Theory* Clássica, Holton & Walsh (2017) com base nos trabalhos de Glasser em que se procura uma teoria formal especialmente abstracta que se pode aplicar em qualquer campo. A questão na pesquisa quantitativa nem se coloca, como se pode observar em Popper (2016) a teoria é o centro da investigação.

O que marca a pesquisa qualitativa (Saldaña, 2011) é o legado contextual, os estudos têm por base um contexto, o qual quer pela literatura quer trabalho no campo, nesse sentido Stake (2010) com base em Ericikan & Roth (2008) afirma que o estudo qualitativo é baseado na descrição da linguagem natural e interpretação do investigador. No campo da pesquisa quantitativa encontra-se no campo da abstracção, do raciocínio lógico e a nível explicativo, dá-se muita importância aos enunciados e ao raciocínio crítico independentemente do contexto (Popper, 2016), uma actividade centrada no teste e verificação de hipóteses (D'Ancona, 1998) procurando atingir leis gerais. Neste campo é importante colocar a questão no campo da pesquisa em Ciências Sociais D'Ancona (1998) classifica os desenhos de investigação em exploratórios, descritivos, explicativos, preditivos e avaliativos, sendo que os primeiros quatro correspondem a objectivos da pesquisa social. É uma evidência que é preciso explorar para poder descrever, sendo que a descrição está na base da explicação, esta última permite a predição.

A generalização é neste sentido (Lincoln & Guba, 1985), na pesquisa qualitativa a generalização está associada a contextos sendo que os resultados são transferíveis e na pesquisa quantitativa está é uma abstracção com a capacidade de controlo e predição.

É importante reiterar a ideia inicial, que a abstracção e o contexto fazem parte de qualquer pesquisa, apenas a pesquisa quantitativa valoriza mais o carácter abstracto e teórico, enquanto uma pesquisa qualitativa valoriza mais o contexto no que se chama ou de teoria substantiva ou generalização naturalística (Lincoln & Guba, 1985). À partida, para este autor que escreve este texto, não se deve à partida limitar o nível que um trabalho científico pode chegar. Numa pesquisa qualitativa pura, a pesquisa começa por ser exploratória, para poder descrever, não se nega a possibilidade se atingir um nível explicativo e mesmo preditivo. Numa pesquisa quantitativa parte-se para o campo com a parte exploratória e descritiva já definida, quer com base em estudos anteriores quer num trabalho prévio de natureza qualitativa. A sua rigidez implica que esteja predefinido o fim a que se destina a investigação explicativo ou preditivo. Uma pesquisa organizada qualitativamente é neste sentido aquela que procura e ambiciona atingir o nível explicativo e mesmo preditivo, a pesquisa organizada quantitativamente significa que o contexto ganha importância e é necessário descrever e explorar.

3.4. Dar voz, intervir versus neutralidade axiológica

O ser humano é o centro, o produtor e destinatário do conhecimento, em discussão está a atitude da pesquisa perante o investigador, assim como das comunidades, grupos sociais e dos participantes. A pesquisa quantitativa parte de uma perspectiva tradicional das Ciências Sociais onde parte-se do princípio da neutralidade axiológica, no qual Max Weber (1979), reduz o papel do investigador a um mero observador, em nome de um

conhecimento objectivo e racional. A neutralidade axiológica é transversal às Ciências Sociais, no qual se reconhece que o investigador pode contaminar o campo e a pesquisa com aspectos pessoais que não lhe pertencem, (Miles, Huberman & Saldaña, 2014), independentemente da qualificação ou quantificação o fim da pesquisa está na reprodução fiel da realidade que se pretende estudar. Numa perspectiva quantitativa o Homem é um meio para produzir conhecimento, mas também um obstáculo a atingir a objectividade, facilmente se compreende que qualquer pesquisa empírica é mediada por um enquadramento teórico, hipóteses e instrumentos de pesquisa que procuram reduzir a sua intervenção directa na produção de conhecimento.

Na pesquisa qualitativa é reconhecido o papel do investigador como principal instrumento de pesquisa (Corbin & Strauss, 2015) mas vai mais longe, com uma Auto etnografia reconhecida a importância das experiências e pertença cultural do investigador, tanto na interpretação como nas escolhas do mesmo. Isto pode mesmo implicar uma atitude de envolvimento e crítica da sociedade (Denzin, 2010). O investigador vai mais longe, além de dar voz as suas experiências e aos participantes pode mesmo querer intervir mudando a sociedade (Denzin, 2016).

Fica claro que o que distingue a pesquisa qualitativa pura é o reconhecimento do investigador como parte do conhecimento produzido e a quantitativa procura que este seja apenas um meio de aplicar elementos predefinidos. Facto é que (Hammersley & Atkinson, 2007) em questão está da forma como a influência do investigador influencia o processo de pesquisa e como esta questão é vista. Na pesquisa qualitativa, o investigador é parte do campo de investigação, e este é um meio de utilizado interpretar o meio estudado. A reflexividade, é na pesquisa quantitativa um meio para evitar quer o envolvimento quer a contaminação do terreno. A questão é que quer do lado quantitativo não se pode ignorar o papel do investigador e quer do lado qualitativo o cuidado de não distorcer a pesquisa quer com aspectos que não fazem parte do terreno quer com questões de natureza pessoal e política. Conforme as leituras já apresentadas a questão qualitativa ou quantitativa não está no desejo de intervir na sociedade e no mundo, esse é o fim de qualquer trabalho académico que venha contribuir para a melhoria alguma coisa ou algo, que seja útil, a questão está no papel do investigador e dos participantes no processo de investigação.

3.5. Uma Questão de Atitude.

O grande problema que se colocou desde o início foi a dificuldade em distinguir a pesquisa qualitativa, para chegar à conclusão que é uma questão de atitude perante a investigação. Numa aproximação a esta classificação Goertz & Mahoney (2012) reuniram contribuições de diversos autores sobre o que diferencia a pesquisa qualitativa da quantitativa, que é vista como uma questão cultural. Transpondo os elementos reunidos para a proposta deste artigo, números e letras são ambas flexíveis, podem utilizar vários métodos e são traduzíveis por relações lógicas, a sua utilização depende da atitude do investigador objectivo a que se propõe.

Como atitude perante a investigação, o qualitativo e o quantitativo antecedem a própria pesquisa com o termo tradição que inclui a formação do investigador as características da comunidade de que faz parte (Kuhn, 1998). Uma pesquisa quantitativa procura de um conhecimento neutro, universal e abstracto, onde se procura evitar quer a influencia do

investigador quer do meio do meio ambiente, esta está orientada para a verificação de hipóteses baseadas em elementos definidos a priori (Campehoud & Quivy, 2011; Weber, 1979). A atitude qualitativa procura conhecimento contextualizado, implica uma abordagem compreensiva, que mais que explicar procura obter significados (Maxwell, 2013). O investigador é o principal instrumento de investigação, obtendo com conhecimento através da utilização sistemática de técnicas e métodos de observação, tendo um papel central da interpretação e análise de dados, sendo que os participantes com a sua forma de ver o mundo são os principais elementos para a construção de conhecimento (Corbin & Strauss, 2015).

Neste ponto e entrando no campo da pesquisa organizada quantitativamente ou qualitativamente é preciso ir além destas duas dimensões, pode acontecer que não exista conhecimento suficiente para fazer uma pesquisa quantitativa e o investigador tenha que incluir um olhar mais qualitativo e do outro lado, numa pesquisa qualitativa pode ser necessário incluir unidades maiores e trabalhar grandes quantidades de informação e aí ceder a uma atitude mais quantitativa (Maxwell, 2013). Junta-se, no entanto, mais um elemento a estas ideias, mais que a objectividade a subjectividade do ser humano Rossmann & Rallis (2012) lembram que fazer investigação social é um processo complexo de escolhas, conta-se neste trabalho as decisões são tomadas segundo as características do investigador, da comunidade e do terreno. Uma questão de atitude e decisão.

3.6. Onde está a pesquisa mista?

A pergunta remete para a noção atrás apresentada de que não existem (Morse & Maddox, 2014) metodologias puras, estas tendem a juntar elementos quantitativos ou qualitativos, o que as torna muitas vezes em pesquisas organizadas quantitativas ou qualitativas. Se olhar-se um pouco para a literatura metodológica, Morse & Niehaus (2016) neste sentido falam que as pesquisas mistas ou são dirigidas quantitativamente ou qualitativamente coloca-se o problema do equilíbrio e coerência da investigação. Isto significa que no centro da linha não existe nada porque um dos elementos qualitativo ou quantitativo acabará por ter mais elementos ou sobrepor-se.

Numa concepção, ligada um ideal tipo visto de uma forma pura, os métodos e as técnicas qualitativas e quantitativas misturam-se sem se sobrepor uns aos outros. Estes completam-se e existem em função de um objecto de estudo, uma pergunta de partida, um fenómeno ou um problema social. Em termos metodológicos a pesquisa mista, coloca-se em termos de métodos múltiplos, onde de uma forma prática, as classificações tornam-se inúteis para dar lugar á sua utilidade em torno de uma investigação concreta.

A estas condições, correspondem apenas à triangulação, Yin (2014) fala na utilização de múltiplas fontes de evidencia, confrontam-se os resultados de cada metodologia, Patton (2015) reúne um conjunto de contribuições de vários autores para afirmar que estes complementam e aumentam a credibilidade dos estudos. A triangulação dá-se a nível das diversas fontes de informação, métodos, revisões dos dados por diversos analistas e a utilização de múltiplas perspectivas ou teorias na interpretação de dados. No caso dos métodos mistos o quantitativo e o qualitativo complementam-se, integrando-se aumentando o grau de generalização.

As metodologias mistas surgem neste campo, Tashakkori & Teddlie (1998) referem como uma forma de ultrapassar as guerras de paradigmas, mas também, de uma forma generalizada presente na literatura uma dificuldade em integrar metodologias quantitativas e qualitativas. Uma das vertentes levantadas por estes autores, é a possibilidade de quantificar dados quantitativos e quantificar dados qualitativos. Volta-se novamente à questão que o quantitativo e qualitativo não tem necessariamente a ver com números ou texto, mas com a atitude perante a investigação. Ragin (2014) indica que é importante ir além das estratégias qualitativas e quantitativas fazem parte de um contínuo e complementam-se mutuamente.

Neste tipo ideal, a pesquisa mista não é nem quantitativa, nem tão pouco qualitativa, a mistura de estratégias, métodos e técnicas utilizadas justifica-se em torno do contexto concreto de investigação. Não se deve questionar se a pesquisa é qualitativa quantitativa porque esta automaticamente cairá à direita ou à esquerda da recta.

É importante perceber que é preciso ir além destas duas classificações, existem pesquisas, metodologias, filosofias e mesmo teorias que foram construídas para um dado fim. Os exemplos aqui apresentados são três a *Grounded Theory* (Glasser & Strauss, 1967) tem por fim criar teorias a partir dos dados, (Moustakas, 1994) a Fenomenologia tem por objectivo capturar a experiência vivida e consciente do ser humano e a Investigação Acção (Guerra, 2002) está organizada para conhecer e simultaneamente intervir socialmente. É possível colocar estas pesquisas em algum ponto da recta, mas o seu centro não está nesta classificação mas no fim que servem.

4, CONCLUSOES

Este artigo começou com o convite a uma abordagem das Ciências Sociais mais reflexiva orientada para crítica da produção científica, assim como para o desenvolvimento de ferramentas a aplicar no terreno. É um manifesto fruto de uma sobrevalorização do trabalho de teste empírico esquecendo muitas vezes a importância da teoria e da reflexão sobre as práticas no campo a nível de metodologias, métodos e técnicas. A título pessoal, o autor deste texto, na sua vida académica recorda que durante o trabalho de campo não há muito tempo para reflectir, a preocupação está em gerir um conjunto de situações complexas de natureza técnica e social que não deixa muito tempo para a reflexão. O olhar mais crítico e reflexivo realizou-se posteriormente quer na análise dos dados quer na fase da redacção.

O autor deste texto, não vem nem pretende apresentar algo de novo, vem apenas fazer um exercício de pura reflexão, baseada na literatura, sobre o problema da distinção entre a pesquisa qualitativa e quantitativa. O contributo para o conhecimento, no caso, está na sistematização de algumas das muitas obras de metodologia, para tentar aprofundar, compreender e criar uma classificação que já está implícita na literatura, pretende ser uma ajuda para todos aqueles que iniciam a sua viagem no mundo das Ciências Sociais e uma contribuição para todos os que se interessam por estas questões.

A primeira conclusão é que a distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa artificial e difícil de fazer, porque ambas contribuem e fazem parte do conhecimento. A diferenciação

torna-se útil porque o ser humano apenas compreende o mundo se classificar e catalogar o que o rodeia (Vignaux, 2000). A resposta a este problema académico passou pela criação de um tipo ideal que fosse simultaneamente simples e evidente com apenas os elementos essenciais. O tipo ideal está baseado numa escala de Likert com cinco pontos numa recta, correspondentes à classificação: qualitativa, organizada qualitativamente, mista, organizada quantitativamente e quantitativa. A grande conclusão que se retira é que a maioria das pesquisas são organizadas qualitativamente ou quantitativamente, integrando em vários graus elementos uns dos outros em função da necessidade da investigação social em curso.

Ainda assim, é possível criar critérios e com estes realizar uma pesquisa qualitativa e quantitativa pura, mas além de estéreis são muito limitativos. A pesquisa mista, na realidade não existe na realidade, há sempre um elemento dominante e organizador que a torna ou são organizadas qualitativamente ou quantitativamente (Morse & Maddox, 2014), se não existir este elemento ter-se-á problemas de compatibilidade e coerência. De uma forma didáctica, é importante afirmar que uma pesquisa qualitativa deixa de o ser se integrar um elemento das metodologias qualitativas, Goertz & Mahoney (2012) é uma questão de atitude, e facto é que letras e números podem ser tratados de uma forma flexível.

No ponto da pesquisa mista, levantou-se uma questão pertinente, o desenho de investigação é construído em função da situação concreta do investigador, do campo e da comunidade científica, se a combinação de métodos e técnicas incluir elementos de ambas as abordagens, esta será mista. Os desenhos de investigação existem em torno de problemas concretos não em classificações, acrescenta-se que nas Ciências Sociais as metodologias existem em torno de propostas e fins específicos para os quais foram estruturadas.

Termina-se com uma de muitas respostas a duas perguntas colocadas no início deste artigo: o que é e porquê escolher uma pesquisa qualificativa? A resposta que se encontrou nas leituras é que a pesquisa qualitativa corresponde a uma visão das Ciências Sociais mais próxima do investigador e das pessoas, seres humanos como centro do estudo. O mundo não é um lugar unívoco ou mesmo uniformizável, é um lugar de variedade de formas de estar e conceber a vida, apresentam-se assim muitas lógicas que só são visíveis se o investigador as olhar de perto, muitas delas associadas a uma dimensão pequena num contexto particular. Todo aquele que opta por uma via qualitativa nas Ciências Sociais escolhe olhar ter um olhar mais humano do mundo e da sociedade onde cada um é mais que uma coisa, é alguém que faz parte de um fenómeno social em estudo e do processo de produção de conhecimento.

O objecto de estudo da pesquisa qualitativa são o individual, o pequeno grupo, uma comunidade, cada uma com uma lógica particular (Friedberg, 1993) e uma carga subjectiva associada a uma parte da sociedade e não ao todo. Esta realidade explica a variedade de metodologias, métodos e técnicas sob o chapéu da designação qualitativa, que a torna difícil de definir (Denzin & Lincoln, 2011), tal como a realidade que pretende estudar. Esta imprecisão aparente existe em função dos objectos de estudo, mas qualquer metodologia qualitativa implica a utilização de métodos e técnicas aplicadas de um modo sistemático, a sua análise inclui a lógica e a validação dos dados quer pela

correspondência às contribuições dos participantes quer pela passagem pelo crivo da comunidade académica (Corbin & Strauss, 2015).

Porque pesquisa qualitativa? Porque fazer ciência? A resposta encontra-se em Rossmann & Rallis (2012) no qual surge o termo aprender, o ser humano tem sede saber e de conhecimento. Fazer investigação no campo das Ciências Sociais é um processo de descoberta, do investigador com as suas limitações e potencialidades, da comunidade científica a que pertence, do mundo que se pretende estudar. Apenas uma mente aberta, que inclua o ser humano na sua especificidade, variedade e profundidade pode conhecer verdadeiramente, num processo constante de aprendizagem. Nisto termina-se com a afirmação com que se começou este artigo, não há conhecimento sem reflexão, estudo e espírito crítico.

5. BIBLIOGRAFÍA

Almeida, J. F. & Pinto J. M.: "Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais". In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (1986): *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Porto Editora pp. 30 – 51.

Blalock, H. M. (1979): *Social Statistics* (Revised 2nd Ed.). Auckland: McGRAW-HILL EDITONS ISBN 978-0070057524.

BRAVO, R. S. (1992): *Técnicas de Investigación Social: Teoría y Ejercicios* (8^a Ed.). Madrid. Editorial Paraninfo. S. A. ISBN 9788428324298.

CAMALHÃO, SERAFIM: A Nação Qualitativa no Continente do Conhecimento: A Busca da Essência da Investigação Qualitativa. Em (2017): *Actas do 6º Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa* de 12 e 14 de julho, Salamanca [em linha]. 14 de novembro de 2017 [Consulta 14 de novembro de 2017] <
<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1138/1104> >

CAMPEHOUD, I. V. & QUIVY, R. (2011): *Manuel de recherche en sciences sociales* (4eme edition). Paris: Dunod. ISBN 978-2-10-056301-2.

Corbin, J. & Strauss, J. (2015). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Development Grounded Theory*. (4th Ed.). London: Sage Publications Ltd ISBN 978-1412997461.

Creswell, J. W. (2014): *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches* (4th Ed.). London: Sage Publications Ltd. ISBN 978-1452226101.

D'Ancona, m. A. C. (1998): *Metodologia Cuantitativa: Estrategias y Técnicas de Investigación Social*. Madrid: Editorial Síntesis, S. A. ISBN 9788477384205.

Denzin, N. K.: What Is Critical Qualitative Inquiry. In Cannella, G. S., Pérez, M. S. & Pasque, P. A. (Ed.) (2016). *Critical Qualitative Inquiry: Foundations and Futures* London: Routledge pp. 31 – 51.

Denzin, N. K. (2010): *The Qualitative Manifesto: A Call to Arms*. London: Routledge. ISBN

978-1598744187.

Denzin, N. K & Lincoln. Y. S. Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research in Denzin, N. K & Lincoln. Y. S. (Ed.) (2011). *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (4th Ed.). London: Sage Publications Ltd pp. 1 – 20.

Eco, U. (1991). *Como se Faz uma Tese*. (3ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença. ISBN 978-972-23-5642-8

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor ISBN 9789729413674

Friedberg, E. (1993): *Le Pouvoir et la Règle: Dynamique de L'Action Organisée*. Paris: Seuil. ISBN 978-2020310062.

Guerra, I. C (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção: O Planeamento em Ciências Sociais* (2ª Ed.). Cascais: Principia ISBN 9789728500856.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992): *O Inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora ISBN 972-802-770-2.

Glaser, B. G. (2014): Choosing Grounded Theory. *The Grounded Theory Review*. Volume 13, Issue 2 [Consulta: 17 outubro 2017]. <<http://groundedtheoryreview.com/wp-content/uploads/2014/12/CHOOSING-GROUNDED-THEORY-2014.pdf>>

GLASSER, B. J. (2008): *Doing Quantitative Grounded Theory*. Mill Valley: Sociology Press. ISBN 1-884156-17-7.

GLASSER, B. J. & STRAUSS, A. L. (1967): *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New Brunswick (U.S.A.): Aldine Transaction. ISBN: 978-0-202-30260-7.

Goertz, G. & Mahoney, J. (2012). *A Tale of Two Cultures: Qualitative and Quantitative Research in Social Sciences*. Princeton: Princeton University Press.

Habermas, J. (2009): *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Lisboa: Edições 70 ISBN 978-972-44-1335-8.

_____ (1990): *La Lógica de las Ciencias Sociales* (4 Ed.). Madrid: Editorial Tecnos. S. A.. ISBN 978-84-309-4522-1.

Hammersley, M. (2013): *What is Qualitative Research*. London: Bloomsbury. ISBN 9781849666060.

Hammersley, M. & Atkinson, P. (2007). *Ethnography: Principles in Practice* (3rd Ed.). New York: Routledge.

Holton, J. A. & Walsh, I. (2017). *Classic Grounded Theory: Applications With Qualitative & Quantitative Data*, London: SAGE Publications, inc ISBN 978-1-4833-7254-9.

KATZ, j. e. (2003): *the Art of Empirical Investigation*. London: Transaction Publishers.

Kuhn, T. S. (1998): *A Estrutura das Revoluções Científicas* (2ªEd.). São Paulo: Editora Perspectiva. ISBN 8527301113.

KVALE, S. (2007), *Doing Interviews*, London, SAGE Publications, Ltd.

Lakatos, I. “Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes”. In Lakatos, I. & Musgrave, A. (Ed.) (1970). *Criticism and Growth of Knowledge: Proceedings of the International Colloquium in the Philosophy of Science*, London Vol.4. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 91 – 96.

Lallement, M. & Lima, L.: “Idéal-type et convention: complémentarité ou concurrence?”. In Legrand, P. (Dir.) (2009). *Comparer les Droits Résolement*. Paris: Presses Universitaires de France pp. 379 – 403.

Likert, R. (1932). *A Technique for the Measurement of Attitudes*. *Archives of Psychology* 22. 140 pp 1–55.

Lincoln, Y. S. & Guba, E. G. (1985): *Naturalistic Inquiry*. London: Sage Publications Ltd ISBN: 9780803924314.

MAXWELL, J. A. (2013). *Qualitative Research Design: An Interactive Approach* (3rd Edition). London: SAGE Publication Ltd ISBN 978-1-4129-8119-4.

Merton, R. M. & Barbier, E. (2004). *The Travels and Adventures of Serendipity*. New Jersey: Princeton University Press. ISBN 9781400841523.

Miles, M. B., Huberman, A. M. & Saldaña, J. (2014): *Qualitative Data Analysis: A Methods Sourcebook* (3rd Ed.). London: Sage Publications Ltd ISBN 978-1452257877., Mills, C. W. (2000): *The Sociological Imagination (40th Anniversary Edition)*. Oxford: Oxford University Press (Original published in 1959) ISBN 978-0195133738.

Morse, J. M & Maddox, L. J.: Analytic Integration in Qualitatively Driven (QUAL) Mixed and Multiple Methods Design. In Flick, U (ED.) (2014). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis*. London: Sage Publications, Ltd pp. 524 – 553.

MORSE, J. M. & NIEHAUS, L. (2016). *Mixed Method Design: Principles and Procedures*. New York: Routledge ISBN 978-1-59874-298-5.

Moustakas, C. (1994). *Phenomenological Research Methods*. London: Sage Publications, Ltd ISBN 978-0-8039-5799-2.

NUNES, A. D.: “Histórias, uma história e a história – sobre as origens das modernas Ciências Sociais em Portugal”. *Análise Social*, Vol. XXIV (1.º. n.º 100 1985) pp. 11-55.

Patton, M. Q. (2015): *Qualitative Research & Evaluation Methods* (4th Ed.). London: Sage Publications, Ltd ISBN: 9781412972123.

Pinto, J. M.: “Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da Sociologia em Portugal”. *Sociologia – Problemas e Práticas* (Setembro a Dezembro 1985), nº 46, pp. 11 – 31.

Popper, K. (2016): *O Mito do Contexto: Em Defesa da Ciência e da Racionalidade*. Lisboa:

Edições 70, Lda. ISBN 9789724415703.

Ragin, C. C (2014). *The Comparative Method: Moving Beyond Qualitative and Quantitative Strategies*. Oakland: University of California Press ISBN 978-0-520-28003-8.

rossmann, G. B. & RALLS, s. f. (2012). *learning in the Field: An Introduction to Qualitative Research* (3rd Ed.). London: Sage Publications, Ltd ISBN 978-1-4129-8048-7.

Saldaña, J. (2011): *Fundamentals of Qualitative Research: Understanding Qualitative Research*. Oxford: Oxford University ISBN: 9780199737956.

Stake, R. E. (2010): *Qualitative Research: Studying How the Things Work*. London: The Guilford Press ISBN 9781606235454.

Siegel, S. (1975): *Estatística Não-Paramétrica: Para as Ciências do Comportamento*. São Paulo: Editora McGraw-Hill Ltda ISBN 9788536307299.

Silverman, D. (2013). *Doing Qualitative Research* (4th Ed.). London: Sage Publications, Ltd ISBN: 9781446260159.

Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. London: SAGE Publications, inc ISBN 0-8039-3251-0.

Tashakkori, A. & Teddlie, C. (1998). *Mixed Methodology: Combining Qualitative and Quantitative Approaches*. London: Sage Publications, Ltd ISBN 978-0761900719

Vignaux, G. (2000): *O Demónio da Classificação: Pensar/Organizar*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 978-972-771-331-8.

Weber, M. (1995): *Économie et Société/1: Les Catégories de la sociologie*. Paris: Agora ISBN 978-2266132442

_____. (1979): *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Yin, R. K. (2014): *Case Study Research Design: Design and Methods* (5th Ed). London: Sage Publications, Ltd ISBN 978-1-4522-4256-9.

_____. (2011): *Qualitative Research from Start to Finish*. London: The Guilford Press ISBN 978-1-60623-701-4.

BREVE CURRÍCULO DO AUTOR

Serafim Leopoldo Ferreira Camalhão é Mestre em Sociologia do Trabalho, das Organizações e do Emprego, actualmente está a realizar a sua tese de Doutoramento em Sociologia sobre a flexibilidade no trabalho nos Tribunais. Ao longo da sua vida académica tem investido na área metodológica, a sua luta actual está em tentar recuperar e revelar a humanidade na ciência e nas organizações.

– Recibido: 24/02/2017

– Aceptado:24/04/2017

Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación, n.39, edición de invierno, 2017-2018.